

O ensino das artes: construindo caminhos

FERREIRA, Sueli (org.). *Campinas, SP: Papyrus, 2001*
(Coleção *Ágere*), 224 p.
*Jane de Oliveira Faria**

Esta obra, escrita a várias mãos, apresenta o ensino das artes, em suas várias linguagens; cada uma delas tem a contribuição do profissional específico; assim, vão percorrendo caminhos que se entrecruzam: a música, a dança, o teatro, as artes visuais...

No primeiro capítulo, “Concepções e práticas artísticas na escola”, é feito um levantamento acerca das concepções e práticas artísticas na escola, fundamentando-se em pesquisa da autora, no seu cotidiano da educação básica, em que levanta questionamentos sobre a importância das artes no currículo escolar, na vida do aluno e na vida do próprio professor. O processo de simbolização, a criação e o pensamento flexível são algumas das contribuições, entre outras habilidades específicas proporcionadas pelo ensino de atividades artísticas na escola. São propostas alternativas que rompem com o ensino conservador, evitando preconceitos em relação às produções populares ou étnicas, socializando os bens culturais e familiarizando os alunos com as produções artísticas não veiculadas pela mídia.

“Dançando na chuva... E no chão de cimento”, é o tema do segundo capítulo, onde a autora dá novo significado as origens e os fins da dança, apresentada através de um diagrama (árvore), à gênese e às diferentes aplicações da dança no mundo. O enfoque da autora é sobre a dança na escola. Surgem, então, a questão da formação do professor e considerações sobre: a introdução das atividades de dança na escola, o preconceito contra homens que dançam, os objetivos do ensino, a técnica empregada, etc. Há propostas para inserir a dança no contexto escolar, para propiciar às crianças e adolescentes o contato com essa linguagem através da expressão com o próprio corpo, adequando os conteúdos às faixas etárias, para formar um público sensível à arte. São feitas, também, propostas detalhadas, aos professores, de experimentações para vivenciar no próprio corpo a criação por meio do movimento. A autora enfatiza duas formas de instrumentalizar os professores para o trabalho artístico: a troca de experiências em oficinas é uma delas, descartando as fórmulas pré-fabricadas e dando a oportunidade de aprender a “pensar com o corpo”; a outra seria o oferecimento de disciplinas corporais artísticas nos cursos de formação de professores.

O capítulo 3, sob o título, “Um universo sonoro nos envolve”, trata da questão do ensino musical nas escolas da rede oficial de ensino e é direcionado ao profes-

* Participante do LABORARTE – FE – Unicamp. Prefeitura Municipal de Valinhos.

sor não-especialista, dando subsídios para a reflexão sobre a linguagem musical, uma vez que todos estão inseridos em um universo sonoro que deve ser explorado. As autoras dão uma visão geral das concepções teóricas; dos métodos de musicalização infantil mais conhecidos e analisam a experiência brasileira, através de um pequeno resgate histórico do ensino musical no Brasil. Explicitam os novos desafios que são propostos aos profissionais da área, para que possam adaptar seus currículos à nova lei da educação, tais como: a tecnologia, o mercado de trabalho, a interdisciplinaridade, etc. Nas novas propostas apresentadas, as autoras enfatizam a questão do respeito à diversidade cultural, multiculturalismo, possibilitando iguais condições para uma atuação social mais crítica; a necessidade da formação continuada, musical e tecnológica, para desenvolver uma educação musical coerente com a criação contemporânea., Especificamente para a exploração sonora, são indicadas, com objetividade e clareza, sugestões de trabalho acompanhadas de ilustrações que permitem sua utilização com sucesso. Afinadas com as novas tecnologias, as autoras apresentam *sítes* para pesquisa, relato de experiências, com novos conceitos e propostas de música para crianças.

“O teatro na educação: reinventando mundos” é abordado no quarto capítulo, a partir de uma reflexão sobre a escola, o professor, o aluno e o conhecimento; levanta questionamentos quanto: ao valor dado ao teatro, não como forma de conhecimento, mas como um elemento supérfluo; à escolha de profissionais capacitados; aos critérios de seleção e avaliação dos espetáculos a serem assistidos, etc.

A montagem do espetáculo no espaço escolar é vista pelas autoras como o resultado do diálogo criativo entre vários sujeitos, devendo ser analisado mais como processo de aprendizagem do que como um resultado estético em si. O texto a ser representado pode surgir de várias fontes: obras consagradas, textos de literatura, ou ser criado a partir das experiências pessoais dos alunos. A questão da preparação corporal e do trabalho técnico poderá ser desenvolvida a partir da frequência ao teatro e da discussão dos espetáculos por alunos e professores. A introdução do teatro na escola poderá ser feita de forma lúdica, com brinquedos que fazem parte da cultura popular e de brincadeiras da infância; poderão ser utilizados também vários materiais para gerar a curiosidade e provocar a criatividade.

O capítulo 5, “Faz o chão pra ela não ficar voando: o desenho na sala de aula” inicia analisando as práticas pedagógicas dos professores e as várias concepções teóricas que deverão ser pensadas e repensadas dialeticamente para um aperfeiçoamento do trabalho cotidiano. O uso de instrumentos tradicionais, como os mimeógrafos, poderá ser repensado e os meios mais atuais deverão ser utilizados na produção dos artefatos reconstrutores de imagens como mediadoras do conhecimento. Com relação à interpretação do desenho infantil, a autora chama a atenção para os “diagnósticos” com conotação psicológica, que deverão ser feitos com cuidado, partindo sempre de questionamentos junto aos seus produtores, evitando conclusões precipitadas e equivocadas. Práticas como a exposição de desenhos estereotipados, o juízo de valor emitido sobre os desenhos, o desenho “livre”, atividades com desenhos para “passar o tempo”, acúmulo de “trabalhinhos” em pastas, são questões que deverão ser revistas com urgência e substituídas por

outras, que desenvolvam a imaginação dos alunos. Propostas interativas e muito interessantes são apresentadas pela autora. .

O capítulo final é dedicado às “Artes visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola”. Analisados desde a década de 70 no Brasil, os programas e currículos artísticos ressalta a autora, foram passando por reformulações tanto na nomenclatura como em seus objetivos; as discussões em torno do assunto levaram os educadores brasileiros a reconhecerem a importância da ampliação das experiências culturais dos alunos, não só como produtores, mas também como espectadores de arte. A pesquisa aqui relatada revela que as obras de arte selecionadas para o trabalho escolar envolvem apenas os mestres do Renascimento e a arte contemporânea raramente é contemplada no currículo, o que dificulta a formação de público para a arte de nosso tempo e, conseqüentemente, gera ignorância quanto a sua validade como obra de arte. A título de esclarecimento, a autora propõe uma discussão sobre o conceito de arte na atualidade, vendo a arte como sistema cultural, sua relação com o imaginário e a arte no Brasil; enfatiza a importância da inclusão da arte contemporânea no currículo escolar, o mais cedo possível, para garantir a formação de espectadores que saibam analisar criticamente as produções contemporâneas.

Sabe-se que o currículo da escola pública brasileira não tem tratado a arte como parte integrante do processo educativo; este livro pode colocar na ordem do dia a discussão sobre a arte sob a ótica da educação, sendo uma das poucas e boas alternativas, pelo papel que cumpre na reflexão sobre a arte, em suas mais diversas manifestações.

A colaboração das autoras vem provocar reflexões sobre as manifestações artísticas que fazem parte da cultura brasileira também como linguagem política, veículo de dominação, de transformação, lazer e diversão.

Os professores preocupados em formar seres mais humanos e agentes da democratização deverão estar alertas a todos os signos sociais presentes no seu cotidiano e poderão ter, nesta publicação, uma , fonte para compreender o mundo em que vivem. Isso se dá a partir de uma curiosidade pela diversidade de olhares possíveis sobre a cultura, experimentando novos caminhos que promovam a democracia do querer, do ser e estar. Estar consigo mesmo e com os outros através da arte.